

Apresentação

Histórias de lutas, igualdades de gênero na escola, experiências de gênero na aula de História. Identidades construídas, vivências silenciadas, trajetórias a serem contadas. Essas palavras nos remetem ao que esse dossiê proporcionará a leitores/as.

Ao reconhecer que em cada página escrita pelos/as autores/as tem-se complexos e profundos ‘olhares’ sobre as experiências de gênero, em vários períodos históricos, o dossiê **Ensino de História, Estudos de Gênero e relações de poder** busca as análises sobre Educação, feminismo, gênero, experiência, trajetórias e relações de poder.

No artigo de Ana Maria Marques, **Feminismos e gênero: uma abordagem histórica**, tem-se uma análise sobre os Estudos de Gênero, no espectro dos Movimentos Feministas e suas manifestações pontuadas desde o século XVIII, com a Revolução Francesa, passando pelo chamado “feminismo da igualdade” e pelo “feminismo da diferença” até as abordagens ditas pós-estruturalistas mais recentes. Para tal, a autora utiliza algumas personalidades militantes: Olympe de Gouges, Madeleine Pelletier e Bertha Lutz, bem como destaca a importância no Brasil da epistemologia feminista, a partir das personalidades como: Maria Quitéria e Adalgiza Bittencourt.

No artigo, **Da fotografia e dos corpos: A desconstrução e as relações de gênero no ato de fotografar nos manifestos políticos do jovem Jürgen Klauke**, Ana Carolina Eiras Coelho Soares procura fazer uma reflexão teórica acerca da função da fotografia em si na sociedade contemporânea e as suas interfaces com as relações de gênero, bem como da essência do ato de fotografar, centrando-se na possibilidade da reconstrução das imagens reais – coisas e corpos – a partir da encenação pelas imagens. Como ponto de discussão utiliza a obra do Fotógrafo Jürgen Klauke onde, como ator do movimento feminista – apresenta reflexões características do movimento feminista europeu da década de 70.

Já no artigo **Inquietações sobre Educação e Gênero**, Ana Maria Colling centra sua análise sobre os espaços conquistados pelas mulheres na sociedade, inserindo o diálogo sobre a importância de discutir em diferentes espaços educativos a questão de gênero. Segundo a autora, “além de pautar

nos currículos de graduação a questão de gênero, nos cursos de formação continuada de professoras/es esta questão deve estar presente obrigatoriamente”.

No artigo: **As estratégias do uso do Gênero no ensino de História: narrativa histórica e formação de professoras**, de Jaqueline Ap. M. Zarbato, discute-se os usos e as concepções de gênero nas estratégias de ensino de história, em que são analisadas as formas e as narrativas históricas no trabalho com gênero na aula de História. A autora analisa as concepções e utilizações pelas professoras, para fundamentar as narrativas históricas pelo prisma das noções de gênero.

No artigo de Ana Carolina Eiras Coelho Soares e Danielle Silva Moreira dos Santos: **Pontes feitas apenas “com papéis” não transpõem abismos? As relações de gênero entre novas formas de pensar a história e o ensino de história**, as autoras apresentam a produção de aulas oficinas e textos de apoio propostos com o objetivo de promover entre as/os aluna/os novas maneiras de se pensar a história, dando visibilidade às mulheres, as feminilidades e masculinidades e as questões de gênero. Neste sentido, as mulheres esquecidas são recolocadas e recuperadas na História. O artigo tem fundamentação por meio do incentivo da bolsa PROLICEN, em que foram levadas a analisar de que forma e o porquê as mulheres são, ou não, lembradas e solicitadas durante aulas de História.

O artigo: **O Ensino de História e a compreensão do elemento feminino por meio do cotidiano dos bandeirantes: enfrentamentos e desafios na sala de aula no século XXI**, Angélica Alves Bueno e Luiz Carlos do Carmo argumentam que, através da unidade temática bandeirismo, realizou-se uma pesquisa com uma turma do Ensino Fundamental, em que balizou o processo de ensino/aprendizagem, numa perspectiva e abordagem das relações de gênero. Organizou-se o relato evidenciando os desafios que estão colocados às práticas educativas de sala de aula. Visaram, neste artigo, entender e discutir a forma como o conhecimento histórico foi sendo construído pelas crianças com a presença do elemento feminino e a forma que se deu ou não, num processo histórico mais amplo.

Ainda sobre **as experiências educativas e as relações de gênero**, Eriziane de Moura Silva Rosa e Eliane Martins de Freitas, apresentam no

artigo: as relações de gênero no interior da escola: significados e atribuições nas brincadeiras infantis o desenvolvimento dos “papéis” de gênero e a construção da identidade que são socialmente construídos e aprendidos desde o nascimento. E acreditando que é com base nas relações sociais e culturais que as crianças começam a atribuir significados ao feminino e ao masculino, o presente artigo trata de uma experiência de pesquisa e intervenção realizada nas aulas da disciplina História, trabalhando o conteúdo “identidade”, com crianças entre 06 a 08 anos de idade cursando o 1º ano do Ensino Fundamental. A proposta foi analisar os significados que essas crianças atribuem às relações de gênero e como estas relações são estabelecidas durante a realização de atividades mais lúdicas como jogos e brincadeiras.

Já no artigo: **Trajetórias de professoras: Histórias de vida e marcas de gênero**, as autoras Adriana Mika e Luciana Fornazari Klanovicz analisam, sob a perspectiva dos estudos de gênero, as trajetórias de professoras que lecionaram no ensino primário entre os anos 1950 e 1980 na região de Irati, Paraná. A partir das histórias de vida dessas professoras é possível perceber de que forma as relações entre gênero e docência são construídas; em torno de uma percepção específica acerca do feminino, na perspectiva delas, que foram influentes e determinantes na vida pessoal e na prática docente. A docência é entendida, nesse sentido, como um ofício feminino envolto em discursos que apontam para uma ‘missão’ e ‘dom’ naturalizados acerca dos papéis das mulheres na sociedade.

Ainda sobre as representações do trabalho docente, Mariana Esteves de Oliveira, apresenta o artigo: **Teoria, Trabalho e Gênero: Debate Historiográfico e Diálogos Entre Precarização e Feminização do Trabalho Docente**. A autora analisa as trajetórias historiográficas das categorias de “trabalho” e “gênero” para relacioná-las ao processo de precarização e feminização do trabalho docente, tema da sua pesquisa de doutorado. As confluências teóricas, todavia, não são instrumentalizadas para resolver ou simplificar as questões estudadas, mas para desvelar e fundamentar a complexidade do processo de precarização e superar os próprios limites impostos pelas categorias de análise teórica.

No ensaio de graduação escrito por Caio Alexandre Toledo de Faria tem-se a análise: **Da terra as migalhas: o abastecimento interno, os**

pobres, os livres e a “brecha camponesa” na América Portuguesa (séculos XVI – XVIII), em que há a descrição de alguns aspectos da história rural na América portuguesa, a fim de discutir o abastecimento interno nos séculos XVI ao XVIII, partindo da referência à importância da mandioca e de seus subprodutos para o cotidiano da Colônia.

Ainda nesta edição da Revista Trilhas, temos a resenha do livro: **Mundos do Trabalho no Maranhão Oitocentista: Os descaminhos da liberdade**, de Regina Helena Martins de Faria. Nesta resenha, escrita por Daniel Rincon Caires, aponta-se que a historiografia passou por uma guinada radical nas últimas décadas, especialmente no que se refere a seus objetos. Trabalhos comprometidos com a *reconstituição* das coisas do passado perderam espaço para aqueles dedicados a compreender *como se pensavam* as coisas no passado. Ou, nas palavras da autora da obra aqui resenhada, de uma historiografia voltada para as estruturas sociais e econômicas, desenvolveu-se outra mais preocupada com as mentalidades. A obra de Regina Helena contribui de muitas formas para o avanço das discussões historiográficas no Maranhão. O texto retoma, a todo momento, estudos monográficos, costurando-os numa visão global dos processos, numa urdidura que tem a dupla vantagem de oferecer um olhar de conjunto da trajetória abordada, a partir de perspectivas e temas variados, e que permite conhecer melhor a produção historiográfica maranhense, o que serve também para salientar temas pouco explorados, sugerindo caminhos para novos estudos.

Já na resenha sobre o livro organizado por Roberto Guedes: **Dinâmica Imperial no antigo Regime Português: escravidão, governos, fronteiras, poderes e legados: séc. XVII – XIX**, escrita por Bruno Cezar Bio Augusto, tem-se a organização de textos acerca do Antigo Regime Português, em especial, de suas práticas políticas, econômicas, religiosas e culturais, entre outras, ligadas à escravidão na América portuguesa e em outras colônias do Império Português. A coletânea se depara com o contexto “pluricontinental” da administração imperial portuguesa e propõe uma visão de interdependência da colônia face à metrópole. O livro “Dinâmica Imperial no Antigo Regime Português” desdobra-se em cinco partes que enfatizam: escravidão, governos, fronteiras, poderes e legados. Esses cinco conceitos nos instigam a pesquisar

a América portuguesa, convidando-nos a um caminho de descobertas da história do *não dito* e dos *pequenos feitos* nesse universo da Colônia.

Na entrevista, da Seção Fontes, a historiadora Lúcia Salsa Corrêa, professora aposentada da UFMS, narra parte da sua história de vida, ligada a São Paulo, onde nasceu, e a Mato Grosso do Sul, onde escolheu viver e trabalhar. A professora fala da sua formação acadêmica, desde a graduação em Licenciatura e Bacharelado em História na Faculdade de Filosofia e Letras São Bento da PUC-SP, ao mestrado e o doutorado em História Social e Econômica na USP. Conta-nos da sua experiência de trabalho no ensino superior e na pesquisa na UFMS, em um tempo em que fazer pesquisa era ainda mais desafiador em vista da falta de recursos físicos e humanos, daí o destaque na fala de Lúcia Salsa para a parceria com o Valmir Batista Correa e Gilberto Luiz Alves que possibilitou transpor barreiras.

Deste modo, pode-se dizer que os artigos trazem diferentes perspectivas de análise, transitando entre metodologias, experiências e concepções teóricas e possibilitando à leitores/as para aprofundarem seus 'olhares' sobre as relações de gênero. Além disso, ao ler as resenhas e ensaio de graduação o/a leitor/a também compreenderá as diferentes perspectivas de análise sobre as questões históricas.

Agradecemos a autores/as que colaboraram neste dossiê e desejamos uma excelente leitura.

As organizadoras

Dra. Jaqueline Ap. M. Zarbato (UFMS/CPTL)

Dra. Ana Carolina Eiras Coelho Soares (UFG)

Dra. Eliane Martins de Freitas (UFG/Catalão)